

BEATRIZ DORNELLES & MARCEL MARTINS

JOGADA COMPLEXA SOBRE O MUNDIAL DE 2014: O AGENDAMENTO DO POPULAR EM RUY DE TODAS AS COPAS¹

*EJUGADA COMPLEJA SOBRE EL
MUNDIAL DE 2014:
EL AGENDAMIENTO DE LO POPULAR EN RUY
DE TODAS AS COPAS*

*WORLD CUP 2014:
HOW THE POPULAR IS SHOWN IN RUY DE
TODAS AS COPAS*

Recebido em: 12 jan. 2014

Aceito em: 12 abr. 2014

¹ Artigo apresentado no 11º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Brasília (DF). Universidade de Brasília – 7 a 9 de novembro de 2013.

Beatriz Dornelles: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Porto Alegre-RS, Brasil). Professora titular do PPGCom da Faculdade de Meios de Comunicação (Famecos) da PUCRS.
Contato: biacpd@pucrs.br

Marcel Martins: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Porto Alegre-RS, Brasil). Doutorando do PPGCom da Faculdade de Meios de Comunicação (Famecos) da PUCRS. Bolsista Capes/Prosup.
Contato: neves.marcel@gmail.com

RESUMO

Com preocupação relativa ao agendamento pela imprensa do sentido popular da Copa do Mundo 2014, no Brasil, refletimos, neste artigo, sobre as práticas discursivas do jornal Zero Hora, de Porto Alegre (RS), através de seu colunista Ruy Carlos Ostermann. Analisamos a crônica em que Ruy trata, no espaço Ruy de Todas as Copas, da polêmica relação entre futebol e sexo no texto intitulado 'A face picante do futebol'. O Paradigma da Complexidade, de Edgar Morin, e a técnica da Análise de Discurso, de Patrick Charaudeau, constituem a metodologia posta a serviço desta reflexão.

PALAVRAS-CHAVES: Copa do Mundo; Folclore; Zero Hora; Liga dos Fanáticos; Ruy Carlos Ostermann.

RESUMEN

Con interés en el agendamento mediático acerca del sentido popular del Mundial de 2014 en Brasil, reflejamos, en este artículo, acerca de las prácticas discursivas del periódico Zero Hora, ubicado en la ciudad de Porto Alegre, capital Rio Grande del Sur, a través de su columnista Ruy Carlos Ostermann. Analisamos la crónica en la que Ruy habla, dentro de la sección Ruy de Todas as Copas, de la polémica relación entre fútbol y sexo en el texto titulado como 'El lado picante del fútbol'. El Paradigma de la Complejidad, planteado por Edgar Morin y la técnica de la Análise del Discurso, trabajada por Patrick Charaudeau sostienen la metodología puesta al servicio de nuestra reflexión.

PALABRAS-CHAVES: Mundial; Folclore; Zero Hora; Liga dos Fanáticos; Ruy Carlos Ostermann.

ABSTRACT

With an interest on the mediatic agenda about the Fifa World Cup 2014, in Brasil, this paper shows a meditation that's concerned to the Zero Hora's newspaper speeches from Porto Alegre, the capital of Rio Grande do Sul state, through the Ruy Carlos Ostermann columnist. We analyse his speech that was located on Ruy de Todas as Copas section and it's about the hotter relation between soccer and sex. 'The soccer hotter face' is the title of his text. In order to realize the reflection we use in our methodology the contributions from Edgar Morin with the Complexity Theory and Patrick Charaudeau who talks about the Speech Analysis.

KEYWORDS: Fifa World Cup; Folklore; Zero Hora; Liga dos Fanáticos; Ruy Carlos Ostermann.

INTRODUÇÃO

A realização da Copa do Mundo Fifa de 2014 no Brasil torna a cobertura midiática sobre este acontecimento esportivo peculiar. Diferentemente das edições em que a Copa é realizada no exterior, agora, as mídias articulam e endereçam sentidos para além das 64 partidas, que foram disputadas pelas seleções de futebol de 32 países entre junho e julho de 2014. Se, quando o Mundial é realizado em outros países, a mídia nacional tematiza, principalmente, os assuntos relativos aos jogos, com a Copa em território brasileiro agrega-se à cobertura jornalística a multiplicidade de fatos adjacentes às disputas de 90 minutos nas doze cidades-sede eleitas para receberem o torneio.

No agendamento da Copa do Mundo pela imprensa, vemos a emergência da construção de um sentido comum sobre o acontecimento. O engendramento do tecido de informações relacionadas ao megaevento esportivo recorreria a uma unidade mental enraizada na vida cotidiana. Destarte, o caráter popular da Copa ganharia fôlego em meio ao debate contemporâneo sobre a elitização do futebol.

Com o propósito de investigação do agendamento do sentido popular da Copa do Mundo, voltamos nossas atenções, neste artigo, para a análise do discurso contido nas páginas 40 e 41 da edição de 12 de maio de 2013 de Zero Hora. Neste espaço, o cronista esportivo Ruy Carlos Ostermann – na seção Ruy de Todas as Copas – trata da relação picante entre futebol e sexo. No Zero Hora, a coluna Ruy de Todas as Copas traz uma vez por mês (de março a dezembro de 2013), em duas páginas, o ponto de vista do cronista com base na experiência dele em 12 Copas como jornalista. Para a produção do conteúdo, Ruy recupera fatos relacionados diretamente às edições do torneio e se apóia em pesquisas históricas e estatísticas bem como em episódios do mundo do futebol direta ou indiretamente ligados à Copa do Mundo. A seção está inserida dentro do projeto Liga dos Fanáticos, do Grupo RBS (organização midiática à qual Zero Hora pertence), engendrado com o propósito de reunir a multiplicidade de conteúdos produzidos pela empresa jornalística sobre a Copa.

Para a exploração do objeto de estudo, a crônica de Ruy Carlos Ostermann sobre a relação entre futebol e sexo, revisamos a teoria relativa às noções de folclore, folkcomunicação e agendamento. A sedimentação da fundamentação teórica acontece com o acionamento do Paradigma da Complexidade, de Edgar Morin. Destarte, emergem as opções metodológicas, que ganham corpo com a caracterização da análise de discurso e a referência à pesquisa qualitativa enquanto guias para estudo do texto do cronista de Zero Hora.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O folclore trata de elementos essenciais ao entendimento da cultura popular brasileira. O folclore não se encontra em um campo específico, no entanto, abarca toda a vida popular. Carneiro (1965: 135) acredita que “para enquadrar-se na categoria de folclore, o fato social precisa ser, ao mesmo tempo, tradicional, anônimo e popular”.

Em relação ao tradicional, afirma que esta característica está

mais vinculada a forma do que ao conteúdo em si. Embora reconheça a possibilidade autoral, vê que o anonimato se cristaliza pela adoção das criações folclóricas pelo povo, que as faz suas fazendo com que as criações individuais sejam despersonalizadas. “Assim, será bom considerar folclórico não apenas o fato social anônimo, mas o fato de “aceitação coletiva, anônimo ou não, e essencialmente popular”, como o recomenda a Carta do Folclore Brasileiro” (CARNEIRO, 1965: 136).

Ao defini-lo como “todo um sistema de vida”, Carneiro (1965: 134) classifica as ordens pelas quais os fatos do folclore acontecem; em uma delas, a lúdica, apresenta a dimensão do jogo, no qual “a sociedade exprime sua interpretação da vida e do mundo” (HUIZINGA, 2010: 53). Fora dos limites das quatro linhas do campo de jogo, no futebol a torcida não apenas expressa sua interpretação como também procura reafirmar sua identidade, constituindo o jogo como lugar de reconhecimento social, lugar que situa os indivíduos no mundo.

O canto da multidão é parte do folclore que envolve o futebol. Por exemplo, a torcida ‘Guarda Popular’, do Sport Club Internacional, de Porto Alegre (RS), se apropriou da canção Pelados em Santos, dos Mamonas Assassinas. Desta forma, o popular acontece no futebol pela ressonância encontrada pelo povo no grupo de Guarulhos (SP)². Esta apropriação envolve outra característica essencial na dinamização do folclore: a renovação, a atualidade – ainda que ligada à tradição (BENJAMIN, 2004). A atualização do folclore pode ser percebida no canto Minha Camisa Vermelha pela recombinação de elementos da cultura popular, como o futebol e a cachaça (SOUTO MAIOR, 1980). Esse sistema se reinventa, porém, sem deixar de incorporar o tradicional, neste caso, a cachaça, símbolo nacional. Para Carneiro (1965: 22), “o passado se exprime no folclore tradicional, mas vem iluminado pela consciência contemporânea”.

Com as evidências de que o folclore nacional ou mesmo a cultura popular brasileira se expressa no jogo de futebol, nosso estudo, no âmbito da comunicação social e midiática, oportuniza a aproximação com a folkcomunicação. Afinal, a midiática da Copa do Mundo pelo jornalismo esportivo é um processo comunicacional através do folclore, ou seja, pelo futebol.

Beltrão (2001) propõe uma definição ao conceito de folkcomunicação: “o processo de intercâmbio de informações e manifestação de opiniões, idéias e atitudes de massa, através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore” (BELTRÃO, 2001: 79), em que há um “sistema específico de comunicação entre os grupos marginalizados da população brasileira [...] em razão de seus agentes e seus veículos estarem relacionados, direta ou indiretamente, com manifestações folclóricas” (ibid., p. 257).

O papel jornalístico atribuído às práticas de folkcomunicação por Luiz Beltrão deve-se a sua capacidade de mediação dos conteúdos e ofertas da indústria cultural ou mesmo do conhecimento erudito e especializado, “com o objetivo de difundir conhecimentos e orientar a opinião pública, no sentido de promover o bem comum” (BELTRÃO, 2001: 257). Desta forma, Melo (2008: 18) entende que, originalmente, Luiz Beltrão percebia a folkcomunicação “como processo de intermediação entre a cultura das elites (erudita ou massiva) e a cultura das classes trabalhadoras (rurais ou urbanas)”.

² Os Mamonas Assassinas foram uma das principais bandas ‘pop’ da década de 1990 no Brasil. O grupo se notabilizou no cenário musical nacional pela irreverência apresentada tanto no conteúdo de suas composições quanto nos shows. A carreira dos Mamonas Assassinas durou de julho de 1995 a março de 1996, quando todos os integrantes da banda foram vítimas de um acidente de avião ao regressarem para Guarulhos (SP) de um show em Brasília (DF).

Na cobertura dos fatos e acontecimentos do cotidiano, o jornalismo adota modos de enunciação da realidade próprios, vinculados a técnicas e ideologias de construção da notícia. Dentre as editorias jornalísticas, a editoria de esportes se destaca pelo gozo de maior liberdade na articulação e endereçamento de sentidos para a audiência. O futebol predomina em suas páginas, inclusive, por desfrutar de posição privilegiada no contexto social brasileiro, dada a sua popularidade. Assim, vemos a possibilidade de realização da folkcomunicação jornalística na editoria de esportes, por se apropriar do popular, isto é, do futebol e tratá-lo sem uma restrição aos moldes convencionais (BELTRÃO, 2001) de difusão da informação. O folkjornalismo é identificado por Luiz Beltrão pela ultrapassagem ao acontecimento em si e uma abordagem que considera as suas adjacências, como versões, rumores e ideias que correm sobre o mesmo. Para o cientista, o folkjornalista busca “dessa forma melhor sensibilizar seu público. Não se trata, porém, de um processo de deformação, mas de um meio de adequar a informação à mentalidade do receptor. Daí sua popularidade, a sua aceitação” (BELTRÃO, 2001: 258).

O agendamento da Copa do Mundo pela Liga dos Fanáticos, através da coluna Ruy de Todas as Copas no jornal Zero Hora, não se limita ao acontecimento em si, como dito acima. Destarte, o endereçamento, que está contido na visão das Copas pelo colunista com base na vivência empírica dele em edições do torneio, busca sensibilizar o público pela oferta de sentidos não apenas entretidos às situações de jogo, como também relacionados a aspectos que tangenciam a realização do megaevento esportivo ou ainda se relacionam com a Copa pelo viés futebolístico da questão. Para McCombs (2009: 18), “esta habilidade de influenciar a saliência dos tópicos na agenda pública veio a ser chamada da função agendamento dos veículos noticiosos”.

A visão positivista de McCombs (2009) considera que a agenda do público é fruto, em boa medida, da agenda da mídia; o jornalismo estabelece a agenda pública. Há, assim, um uso pelo público das saliências midiáticas como forma de organizar a sua agenda e decidir o que é importante no cotidiano. Mesmo dentro dessa visão, McCombs surpreende, quando considera: “os efeitos do agendamento são mais do que o resultado de quão acessível ou disponível um tópico está presente na mente do público. [...] a saliência de um tema no público não é uma questão simples de sua disponibilidade cognitiva” (MCCOMBS, 2009: 98). Esta percepção se realiza porque percebe que, mesmo diante da cobertura ostensiva sobre determinado assunto, os sujeitos não estão vulneráveis; os cidadãos não aceitam qualquer tópico proposto na mesma intensidade de sua capacidade de afetação do imaginário da recepção idealizada pelas mídias.

Noção cara à obra de Maxwell McCombs é a de *priming*, que nos remete a ação de sugestionamento: “ligação entre os efeitos do agendamento, que resultam na saliência dos assuntos ou de outros elementos junto ao público, e a subsequente expressão de opiniões sobre figuras específicas” (MCCOMBS 2009: 187). Com isso, vemos que o acontecimento midiático, representativo de um acontecimento ou fato em estado bruto, nem sempre tem como propósito o relato de um evento, no entanto, como afirma Lippmann (2010), sua transfiguração. O imaginário social, portanto, se tece para além de dados do mundo, formando-se pelas articulações engendradas no tecido midiático. De acordo com Silva (2006: 09), “o imaginário é uma

rede etérea e movediça de valores e sensações parti-lhadas concreta ou virtualmente”. Por vezes, para a ação do campo jornalístico não é suficiente o relato, mas o comentário e, inclusive, a provocação do acontecimento (CHARAUDEAU, 2006).

OPÇÕES METODOLÓGICAS

As categorias às quais nos remetemos como alicerces ao desenvolvimento desta reflexão indicam a complexidade contida tanto no acontecimento esportivo em si quanto nas formas que assume no tecido midiático. Destarte, o encaminhamento metodológico contempla a tomada de posições advindas de uma dialógica pensante (MORIN, 2005) em torno do futebol, isto é, acerca do fenômeno popular que a nível profissional restringe às camadas privilegiadas da população, às elites, a presença em estádios, principalmente, quando se trata de uma Copa do Mundo.

Nesse contexto, para tratar do agendamento do folclórico na Copa do Mundo por Ruy Carlos Ostermann, que tem como efeito a emergência e o endereçamento do sentido popular do Mundial, mobilizamos o Paradigma da Complexidade, de Edgar Morin.

“O que é a complexidade? À primeira vista, é um fenômeno quantitativo, a extrema quantidade de interações e de interferências entre um número muito grande de unidades” (MORIN, 1990: 42 - 43). Esta indicação do autor nos remete à percepção de um tecido em que seus elementos constituintes se apresentam para além de uma organização simplista. A afirmação inicial de Edgar Morin enseja que ao tratar do complexo estamos em um mundo onde a simplicidade se esvai devido a questões meramente quantitativas. “Mas a complexidade não compreende apenas quantidades de unidades e de interações que desafiam nossas possibilidades de cálculo; compreende também incertezas, indeterminações, fenômenos aleatórios” (MORIN, 1990: 43). Residindo no âmbito do nosso conhecimento ou na essência dos objetos ou fenômenos, a complexidade significa em parte incerteza, se realiza entre a ordem e a desordem, se materializa no incompleto.

Morin (1990) faz questão de destacar que a complexidade não significa completude, embora a aspiração àquela enseje a aspiração a esta. “Mas, num outro sentido, a consciência da complexidade faz-nos compreender que não poderemos nunca escapar à incerteza e que não poderemos nunca ter um saber total. ‘A totalidade não é a verdade’” (ibidem: 83). A complexidade enquanto paradigma coloca-se como modo/estratégia para compreensão da realidade: “em seu diálogo, o pensamento complexo não propõe um programa, mas um caminho (método) no qual ponha à prova certas estratégias que se revelarão frutíferas ou não no próprio caminhar dialógico” (MORIN, 2007: 31).

Para o estudo da coluna Ruy de Todas as Copas conforme a análise do discurso, relações, articulações e contextualizações são necessárias. Por isso, a necessidade de um pensar de forma complexa, de considerar a dialógica, de construir um sistema de ideias e não de propor uma sentença lógica e generalista como lei que institui o modo de construção do sentido popular da Copa do Mundo pelo colunista Ruy Carlos Ostermann.

De um modo geral, o potencial de realização do método está contido na possibilidade de sua extensão pelo objeto de estudo. Este

prolongamento se corporifica e se acopla a determinada realidade à medida que o método dispõe da técnica. Com a visada permeada pelo Paradigma da Complexidade, enquanto método para nosso empreendimento de uma racionalidade sobre o agendamento do sentido popular da Copa do Mundo, apropriamo-nos da análise de discurso de Patrick Charaudeau³ como técnica de exame do texto do cronista esportivo.

Para Charaudeau (2008: 63), analisar um texto é “dar conta dos *possíveis interpretativos* que surgem (ou se cristalizam) no ponto de encontro dos dois processos de produção e de interpretação”. A proposta fundamental do lingüista francês reside na alteração da questão direcionada ao texto. Ao invés de perguntarmos “Quem fala?” devemos questionar: “Quem o texto faz falar?” ou, ainda, “Quais sujeitos o texto faz falar?”.

Para a análise de discurso, Charaudeau (2006) considera as configurações assumidas pelos dispositivos de enunciação. Segundo o autor, às situações de comunicação são associados dispositivos que constituem “as condições materiais ad hoc de realização do contrato, em relação com outros componentes e com um quadro de restrições” (CHARAUDEAU, 2006: 104). Na esteira desta proposição, afirma que “o dispositivo é uma maneira de pensar a articulação entre vários elementos que formam um conjunto estruturado, pela solidariedade combinatória que os liga” (idem).

O pensamento complexo sobre determinada realidade em sua singularidade não advém de mera opção metodológica à base de nossa pretensa empatia epistemológica. A complexidade como paradigma, método e estratégia (MORIN, 2007) emerge pela própria demanda do caso estudado. Destarte, consideramos que nossa compreensão do sentido popular da Copa pelo movimento que Zero Hora realiza na edição de maio da coluna Ruy de Todas as Copas apenas se realiza em profundidade com uma investigação de caráter qualitativo.

Taylor e Bogdan (1987: 19-20) definem a pesquisa qualitativa “*en su más amplio sentido a la investigación que produce datos descriptivos: las propias palabras de las personas, habladas o escritas, y la conducta observable* [grifo do autor]”. Conforme Bauer e Gaskell (2000: 24), “no nosso ponto de vista, a grande conquista da discussão sobre métodos qualitativos é que ela, no que se refere à pesquisa e ao treinamento, deslocou a atenção da análise em direção a questões referentes à qualidade e à coleta dos dados”.

COPA DO MUNDO: UMA RELAÇÃO POLÊMICA SOB A ÓTICA DO ‘PROFESSOR’

A seção Ruy de Todas as Copas faz parte do projeto Liga dos Fanáticos, do Grupo RBS – organização midiática à qual pertence o jornal Zero Hora. De acordo com Rodrigo Müzell, editor de Zero Hora para a Copa de 2014, a criação da Liga dos Fanáticos “é uma forma de comunicar o assunto de forma integrada e um guarda-chuva para comercializar a cobertura para patrocinadores específicos que permanecem até a Copa”, afirmou em entrevista que realizamos via email. Segundo o jornalista, o projeto se assemelha a outras propostas desenvolvidas anteriormente pelo Grupo RBS, como o ‘torcida coruja RBS’, para o Mundial de 2002, realizado em conjunto entre Coreia do Sul e Japão. A diferença apontada por Müzell

³ Professor doutor de Ciências da Linguagem na Universidade Paris Nord (França).

quanto à projeção da Liga dos Fanáticos em diversas plataformas do Grupo RBS é que “o projeto de comunicação foi lançado bem antes – porque o evento, sendo no Brasil, tem uma relevância para nossos públicos bem maior do que quando é promovido em outros países”, destaca.

A seção Ruy de Todas as Copas no jornal Zero Hora é escrita por Ruy Carlos Ostermann, colunista e comentarista do Grupo RBS. Filósofo por formação acadêmica na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Ruy lecionou filosofia em colégios de Porto Alegre (RS). A carreira jornalística iniciou, em 1957, no jornal Folha da Tarde, onde recebeu o apelido de ‘Professor’⁴. Desde 1978, trabalha no Grupo RBS⁵.

A crônica, veiculada no domingo de 12 de maio de 2013, em Zero Hora, trata da polêmica relação entre futebol e sexo no espaço de duas páginas (40-41) da editoria de esportes. Intitulada ‘A face picante do futebol’ traz, para além do texto principal, imagens de atletas conhecidos e destacados em suas seleções e de algumas mulheres e, ainda, apresenta a seleção das Copas do Mundo escalada pelo cronista com jogadores envolvidos em polêmicas ou escândalos sexuais. Abaixo do nome de cada jogador, há uma espécie de justificativa do por que da presença do atleta na seleção escalada por Ruy à base do relato do fato que relaciona o jogador com a problemática do sexo. Ao lado, a nota concedida pelo colunista a atitude do desportista. De um modo geral, a crônica em sua totalidade constitui-se de duas partes inter-relacionadas, não vinculadas necessariamente a forma de apresentação do material jornalístico, mas, sobretudo, ao próprio conteúdo que veicula.

O texto, ainda que apresentado de modo uniforme e sem intertítulos, se organiza basicamente entre apreciações sobre a relação entre futebol e sexo, no sentido da prática sexual que pode interferir no desempenho no jogo, e considerações a respeito da homossexualidade no universo futebolístico. Aliás, esta temática predomina no discurso da página 40, enquanto na página 41, dos 11 casos selecionados por Ruy Carlos Ostermann, que vinculam atletas a escândalos e/ou polêmicas sexuais, apenas dois insinuam práticas homossexuais, ainda que não o fossem em sua intenção, mas tenham *a priori* sido interpretadas assim pelas mídias e sua audiência.

Na esteira de Charaudeau (2006), vemos que a coluna Ruy de Todas as Copas se desenvolve, basicamente, entre o relato e o comentário do acontecimento. Relata os fatos que envolvem e ligam futebol e sexo, principalmente, pelos 11 casos apresentados. Comenta os acontecimentos pela forma como procura significar essa relação polêmica, fundamentalmente, pelo texto, embora faça apreciações em cada caso, a julgar pela nota que confere aos atletas: “Na Copa de 1986, Leandro e Renato Portaluppi fugiram da concentração. Ao voltarem, o gaúcho foi cortado por Telê (Santana, então o técnico da Seleção). Leandro pediu dispensa. Pela solidariedade, 10; pelo amadorismo, zero. 5” (ZERO HORA, 12/05/2013: 41).

É possível que se perceba no discurso de Ruy Carlos Ostermann não apenas o relato e o comentário do acontecimento, a relação delicada entre futebol e sexo, mas, também, a provocação do acontecimento. Esta, não acontece no sentido de um debate, provocado sobre o ‘lado picante do futebol’, em que as partes tomam posições para garantir a legitimidade de

⁴ A partir daqui também nos referimos no texto ao cronista como Professor.

⁵ Detalhes da trajetória de Ruy Carlos Ostermann em <http://www.encontroscomoprofessor.com.br>. Acesso em 10 de junho de 2013.

seus argumentos e do lado a ser defendido do fato. A provocação tornar-se-ia saliente pela ampliação da relação da Copa do Mundo enquanto acontecimento esportivo com a problemática do sexo, através do futebol. Note-se que o discurso do Professor não se desentranha a partir do relato dos casos sexuais envolvendo atletas em tempos de Copa, porém, ganha fôlego na inunção da questão sexual ao universo futebolístico, transcendendo a Copa. A provocação dar-se-ia, portanto, por fazer emergir um assunto polêmico em sua complexidade não resumida ao Mundial e às experiências de Ruy nas 12 edições que participou como jornalista.

Contudo, consideramos o elemento provocativo do acontecimento mais como hipótese do que como a forma pela qual o discurso desta edição de Ruy de Todas as Copas se realiza. Essencialmente, há o relato e o comentário do acontecimento (CHARAUDEAU, 2006), sobressaindo-se o caráter julgador e apreciativo próprios à crônica, forma pela qual estão configuradas as matérias do cronista esportivo na Liga dos Fanáticos em Zero Hora.

Na crônica de Ruy Carlos Ostermann, percebemos o funcionamento da engrenagem de produção do comentário sobre o acontecimento. A problematização acontece já no primeiro parágrafo do texto: “relacionar futebol e sexo é difícilimo. É a parte mais obscura do futebol, que não é tratada prioritariamente, que não é tida como condição de existência. Aparece sempre de forma subalterna e secundária. Às vezes, demolidora” (ZERO HORA, 12/05/2013: 40). O cronista introduz o tema que vai tratar ao longo do texto, fazendo suscitar de modo implícito no seu discurso um questionamento sobre a natureza da obscuridade a qual se refere. Com esta proposição, indica a complexidade em jogo no tratamento do assunto. O complexo fica explícito na argumentação dialógica do Professor a respeito da prática de sexo pelos atletas em dia de jogo. Diante do desgaste físico que pode provocar no atleta, apesar do prazer, Ruy expõe a dialética que envolve a situação: “colocam-se duas alternativas: ou se contratam pessoas para que esse sexo seja vigiado, sob controle e em segurança, ou se estabelece uma relação diferenciada, qual seja, quando famílias, namoradas e amantes são mantidas próximas e em contato com os jogadores durante a Copa” (idem).

A elucidação aparece no seio do próprio problema, na medida em que o cronista esportivo procura elucidar a relação entre as práticas futebolísticas e sexuais, quando se refere ao bom senso, numa referência obtusa da sabedoria popular: “[...] o bom senso sempre disse que fazer sexo no dia do jogo não convém porque é uma descarga de energia que corresponde, por vezes, a uma corrida bem intensa” (idem.). A avaliação acontece já no primeiro parágrafo quando Ruy profere uma sentença sobre a relação entre futebol e sexo: “às vezes, demolidora” (idem.). O ponto de vista também aparece ao fim desta problemática, a da prática de sexo durante a Copa e, mais especificamente, em dias de jogos: “toda a questão do sexo no futebol é questão do controle. Para não beber demais. Para não dormir pouco. Para não se desgastar fisicamente” (idem.).

Num segundo momento do texto da página 40, Ruy Carlos Ostermann trata da homossexualidade no futebol. O cronista reintroduz a questão da obscuridade, agora pelo âmbito da rejeição, da negligência. O tema a ser tratado a partir do quinto parágrafo é indicado logo de início:

“ainda mais obscura é a homossexualidade no futebol. Ela, que começa a ser aceita como uma das tantas manifestações do homem em busca de sua felicidade e de sua satisfação. No caso do futebol, há um elemento moral” (idem). Na sequência, o Professor insere a abordagem dentro de um questionamento, que torna explícito e, ao fazê-lo, indica no âmbito implícito que esta questão pode ser não apenas sua, mas do leitor: “um homem que gosta de homens, como vai conviver na comunidade futebolística que é de vestiário, que é de banho comum, de quartos compartilhados e assim por diante?” (idem). A seguir, Ruy argumenta que está posta uma dificuldade que requer muita civilidade e grandeza para sua resolução.

Como elucidar a porção mais obscura do obscuro? A estratégia discursiva é recorrer ao conhecimento empírico da situação:

no geral, nem se fala disso. Conheço jogadores que são homossexuais, e eles são extremamente discretos. Por quê? Porque toda manifestação que eles tiverem – passear de mão dada com o namorado, por exemplo – será verdadeiramente escandalosa no sentido pejorativo e moral dessa questão. Para evitar isso, se coíbem, se reduzem (ZERO HORA, 12/05/2013: 40).

Os efeitos da relação entre futebol e sexo no que concerne a homossexualidade no esporte retroagem negativamente: esta é a avaliação do Professor, e que ele considera um problema. “O futebol não tem essa grandeza, esse jogo de cintura. O que se terá é uma forma negativa de relação, ou o deboche, ou a provocação, ou a rejeição” (ZERO HORA, 12/05/2013: 40). A consideração é fundamentada na experiência dele não apenas como o jornalista de 12 Copas, mas como sujeito que frequenta estádios de futebol e conhece este universo em sua singularidade: “O modo grosseiro de ver o futebol tem traços machistas, violentos, homofóbicos. O que você quiser atribuir de ruim, de desagradável e de pesado a um comportamento coletivo, a torcida tem” (idem).

Nesse contexto, Ruy vai além da apreciação e do julgamento. Filósofo por formação, o Professor projeta um novo horizonte para o futebol, saindo de uma posição de universalização do comportamento da torcida para o lugar de onde enuncia o potencial de realização do particular:

há torcidas que são melhores que isso, e que necessariamente estão se encaminhando para uma compreensão maior das coisas, e aí, tão somente aí, a questão da homossexualidade possa aparecer com dignidade [...], porque senão ele sempre será acusado de ser uma pessoa fora do padrão comum, corriqueiro da sociedade (ZERO HORA, 12/05/2013: 40).

No momento em que Ruy afirma no início do parágrafo seguinte que não vê solução a curto prazo para o problema porque os clubes não dispõem de estruturas para trabalhar com essa obscuridade, seu discurso, ainda que involuntariamente, sugere que o caráter popularesco do futebol ainda é hegemônico, já que a maior parte das torcidas prescinde da capacidade de lidar com essa situação. Como pensar sobre o caso é algo difícil, e o próprio cronista reconhece este fator-problema no início do texto, as reflexões acerca do tema se situariam em níveis de compreensão

mais elevados, o que não é próprio ou traço característico das camadas populares, que não pensam, mas fazem.

Aliás, o fazer é marca do jogo, é o encantamento do espetáculo que toca o torcedor na arquibancada. Ruy reconhece esse fator como certo impedimento à consideração da problemática relação entre futebol e sexo, causando, segundo ele,

[...] prejuízos psicológicos imensos, e que não são avaliados. Talvez porque o futebol seja simples, seja corriqueiro. O futebol se joga, e pronto. A habilitação de jogar futebol é muito simples. Não é como pensar. Pensar implica coisas difíceis, afastar-se do cotidiano que compulsivamente nos leva a fazer coisas e tentar repensar o que está acontecendo. Isso é pensar. No futebol não é assim. Não se pensa, se joga (idem).

A comparação entre o jogo e o pensar não fica restrita a uma dialética entre aquele que joga (o atleta) e aquele que pensa sobre o futebol. Quando Ruy estabelece essa oposição, a inferência proposta coloca na dimensão da prática do jogo o espectador, o torcedor, que busca menos o envolvimento racional do que emocional com seu esporte. A ausência de uma racionalidade sobre as relações complexas entre futebol e sexo também aconteceria pela falta de capacidade de distanciamento do cotidiano no qual está imerso para reflexão, já que esta meditação envolve, portanto, um processo difícil, oposto à simplicidade do jogo. Assim, o popular, caracterizado como simples e até mesmo rudimentar, não colocar-se-ia no plano reflexivo, mas na própria vivência do processo.

A estratégia discursiva do Professor não se esgota no texto da página 40. Na página 41, Ruy escala uma seleção de jogadores polêmicos. A chamada na contracapa para a coluna Ruy de Todas as Copas tem como título: “Como seria uma seleção de jogadores polêmicos”. Com o relato de 11 casos envolvendo jogadores de cinco países e que disputaram o torneio – ainda que nem todos os episódios estejam relacionados diretamente a competição – o cronista fundamenta seu discurso no mundo da vida. As reflexões do Professor sobre as contradições na relação entre futebol e sexo ganham fôlego porque estão ancoradas em situações que colocam em evidência a ausência de imunidade dos sujeitos no que toca a afetação de sua vida profissional pela vida pessoal, a dos relacionamentos amorosos, afetivos ou libidinosos.

O comentário sobre os casos se divide entre o que Charaudeau (2006) distingue como um ‘fazer simples’ e um ‘ser motivador’. Entre os procedimentos do ‘fazer simples’ aparece a restrição, tática usada por Ruy, “que consiste em fazer uma afirmação para corrigi-la em seguida (x, mas, entretanto, no entanto, embora y), modo de raciocínio que obriga o sujeito receptor a reorientar seu próprio julgamento” (CHARAUDEAU, 2006: 181).

A partir dos casos relatados e comentados, vemos que a encenação do discurso se caracteriza por um ‘fazer simples’. No entanto, em quatro casos essa técnica aparece implícita devido à utilização de uma figura de linguagem como recurso de construção do texto, a saber, a ‘élipse’. A exceção é no comentário da polêmica envolvendo Ronaldo (ex-jogador da Seleção Brasileira), em que Ruy utiliza a conjunção adversativa ‘mas’.

Outra forma de encenação do comentário do Professor é pelo raciocínio ‘motivador’. Segundo Charaudeau (2006), esse tipo de raciocínio implica no desenvolvimento de argumentos escolhidos mais em função de seu valor de crença do que de conhecimento. O sujeito comunicante (EUc) argumenta dentro de um universo comum de saberes socialmente partilhados e que facilitam a compreensão do público.

CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

O popular emerge na crônica em sua plasticidade dialógica, ou seja, tanto pelo conjunto de características que o conformam como elemento rude ou marginalizado (identificado, sobretudo, com as camadas inferiores da sociedade em oposição às camadas privilegiadas que detêm um conhecimento “superior”, ou seja, sofisticado), quanto por aquilo que é aceito coletivamente, no sentido de ser a base de uma consciência comum dos povos, independentemente da segmentação social em estratos sociais. Neste contexto, o sentido popular da Copa do Mundo é agendado pela emergência de histórias polêmicas no mundo do futebol envolvendo jogadores conhecidos para além das fronteiras dos seus países. Ainda, a linguagem utilizada pelo Professor, operacionalizada entre o universo futebolístico e o sexual, afasta a necessidade de um conhecimento erudito ou mais refinado e especializado para o entendimento de um assunto que faz parte do cotidiano, da conversa na esquina, da conversa de mesa de bar. Ruy se aproxima do leitor para fazer uma fofoca sobre o mundo do futebol.

A prática da folkcomunicação fica explícita pela apropriação do fato folclórico – a polêmica das relações sexuais de jogadores de futebol – pela mídia, que ressignifica este aspecto do mundo da vida com o qual muitos sujeitos se identificam. Se a folkcomunicação é a manifestação dos sentimentos, pensamentos e modos de agir do povo através de meios ligados direta ou indiretamente ao folclore, acreditamos que a folkcomunicação se estabelece em um jornal como o Zero Hora, fundamentalmente, pela editoria de esportes.

As marcas de exercício do folkjornalismo ficam nítidas pela forma de expressão do conteúdo. Dentre a totalidade das editorias de um jornal é bem provável que a editoria de esportes seja aquela em que os jornalistas têm maior liberdade de expressão, podendo jogar com figuras de linguagem e com o imaginário do leitor. Não seria tão comum, por exemplo, que escândalos envolvendo políticos fossem objeto de avaliação através de notas como o fez ironicamente Ruy Carlos Ostermann na crônica que analisamos.

REFERÊNCIAS

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Tradução de Pedrinho Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002.

BECKER, Howard S. Método de pesquisa em ciências sociais. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 1997.

BELTRÃO, Luiz. Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

_____. Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BENJAMIN, Roberto Emerson Câmara. Folkcomunicação na sociedade contemporânea. Porto Alegre: Comissão Gaúcha de Folclore, 2004.

CARNEIRO, Edison. A sabedoria popular. Rio de Janeiro: INL, 1957.

_____. Dinâmica do folclore. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965.

CHARAUDEAU, Patrick. Discurso das mídias. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. Linguagem e discurso: Modos de organização. São Paulo: Contexto, 2008.

HUIZINGA, Johan. Homo ludens: o jogo como elemento da cultura. 6. ed. São Paulo : Perspectiva, 2010.

LIPPMANN, Walter. Opinião Pública. Petrópolis: Vozes, 2010.

MCCOMBS, Maxwell. A teoria da agenda: a mídia e a opinião pública. Petrópolis: Vozes, 2009.

MELO, José Marques de. Mídia e cultura popular: história, taxionomia e metodologia da Folkcomunicação. São Paulo: Paulus, 2008.

MORIN, Edgar. Introdução ao pensamento complexo. Lisboa: Inst. Piaget, 1990.

_____. O método 3: o conhecimento do conhecimento. Porto Alegre: Sulina, 2005.

_____. Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana. 2ª ed. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2007.

OSTERMANN, Ruy Carlos. A face picante do futebol. Zero Hora, Porto Alegre, 12 maio 2013. Esportes, 40-41.

SILVA, Juremir Machado da. As tecnologias do imaginário. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SOUTO MAIOR, Mário. Dicionário folclórico da cachaça. 2. ed. Recife: Fund. Joaquim Nabuco, 1980.

TAYLOR, Steven J. Introducció n a los métodos cualitativos de investigació n: la búsqueda de significados. Barcelona: Paidós.